

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

BRENDHA ISABELLE MARTINS ¹

SAMUEL OLIVEIRA SILVA

Orientadores (as):

Eduardo Manuel Bartalini Gallego ²

Marcia Aparecida Amador Mascia

**PRINCIPAIS DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA
ALFABETIZAÇÃO**

Itatiba – SP

2022

PRINCIPAIS DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ALFABETIZAÇÃO

BRENDHA ISABELLE MARTINS RA 002201900296¹

SAMUEL OLIVEIRA SILVA RA 002201900108²

Nos dias atuais, é possível notar que os índices de indivíduos não alfabetizados são altos, e isso pode ser decorrente da falta de uma alfabetização eficaz e de qualidade a todos os estudantes. Os métodos educacionais e as dificuldades em adequar uma metodologia que dê certo no processo de ensino e aprendizagem sempre foram questões muito discutidas entre educadores. O processo de alfabetização requer métodos e estratégias de ensino que desafiem e motivem o aluno para alcançar o conhecimento. Assim, o presente estudo, tendo em vista os objetivos específicos investigar as dificuldades e os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores no processo de alfabetização e letramento das crianças, como também para o desenvolvimento de práticas voltadas para o processo formativo dos educadores, buscou apresentar os principais desafios e possibilidades na alfabetização e identificar as possíveis causas para o fracasso escolar na alfabetização e no letramento dos estudantes. Para tanto, foi utilizada, como metodologia, a pesquisa bibliográfica, para construir o quadro conceitual da pesquisa, e a pesquisa de campo, através de entrevistas semiestruturadas com professoras alfabetizadoras. Por meio das entrevistas realizadas, notou-se que um dos principais desafios está ligado ao contexto periférico e carente no qual os alunos vivem, a partir da análise dos sentidos discursivos. Além disso, o resultado desse estudo comprovou que o lúdico deve fazer parte dos ambientes escolares e que a criança aprende com muito mais naturalidade quando os conteúdos propostos são aplicados com a utilização de jogos e brincadeiras, isso porque o brincar faz parte do cotidiano do ser humano.

Palavras-chave: Alfabetização. Desafios. Ensino. Estratégias. Possibilidades.

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba – SP.

² Aluno do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba – SP.

INTRODUÇÃO

Muitos são os problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem das instituições de ensino, e alguns desses problemas estão relacionados às dificuldades de alfabetização e letramento. O domínio da leitura e da escrita é essencial para a participação do ser humano em sociedade, já que é através dela que o indivíduo se comunica, acessa informações e produz conhecimentos. O ser humano nutre-se da busca por conhecimentos, em decorrência das necessidades sociais e políticas.

A alfabetização, nos últimos anos, tem sido objeto de estudo onde é evidenciada a importância da leitura e da escrita para a integração dos sujeitos na sociedade. Assim, docentes e pesquisadores no campo da educação direcionam seu foco na produção de meios que propiciem mais do que a decifração dos códigos linguísticos, a do mundo por meio da linguagem.

Para uma alfabetização satisfatória, é importante que o processo de alfabetização vá além do ensino por meio de um só método e um só suporte de texto: o livro didático. A alfabetização, concebendo os novos tempos e as novas exigências enredadas nos mesmos, requer que as metodologias beneficiem a leitura da realidade dos educandos, gerando atividades de leitura e escrita a partir da cultura, e conteúdo que gerem o interesse e o prazer pela leitura.

Cabe mencionar, que no dia a dia escolar, grande parte dos educandos não lê, ou apresenta dificuldade nas competências de leitura e escrita. Dentre esses e outras problemáticas, é fundamental buscar novos caminhos para a educação. Sob essa ótica, Silva (2008) aponta que a instituição de ensino deve superar a ideia fragmentada e distante do mundo, que conteria o trabalho escolar ao desempenho de fins de reprodução, alienação e domínio.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivos específicos investigar as dificuldades e os desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores no processo de alfabetização e letramento das crianças, como também para o desenvolvimento de práticas voltadas para o processo formativo dos educadores, tendo em vista o alto índice de analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil.

Por esta razão, o objetivo da pesquisa foi identificar os principais desafios e possibilidades na alfabetização, além de refletir sobre as possíveis causas para o fracasso escolar na alfabetização e no letramento dos estudantes. Assim, o problema de pesquisa se norteia a partir da seguinte questão: Quais são os principais desafios para a alfabetização dos estudantes e como superá-los?

A pesquisa apresentada utilizou da revisão bibliográfica para desenvolvimento do referencial teórico, com busca em artigos, livros e periódicos. Utilizou ainda da pesquisa qualitativa que tem se mostrado eficiente para levantamento de informações, e por fim, usou da entrevista estruturada para apresentação da visão de docentes sobre a temática aqui estudada.

Para proporcionar um melhor entendimento acerca da pesquisa, ela se organiza à seguinte maneira: primeiramente será apresentado o referencial teórico, em que buscou-se apresentar, por meio de uma revisão bibliográfica, dados acerca da temática dos desafios na alfabetização ao longo da história e atualmente; posteriormente, serão apresentadas as análises e discussões resultantes das entrevistas realizadas, sob a luz do quadro conceitual da pesquisa; por fim, foram expostas as considerações finais dos autores e as referências bibliográficas utilizadas durante a pesquisa.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ALFABETIZAÇÃO

Segundo Cagliari (1989, p. 10): “A Alfabetização é um elemento importante, pois, saber ler e escrever é condição necessária à participação na sociedade letrada em que vivemos”. A alfabetização é o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da história da humanidade.

Na atualidade, estar alfabetizado, isto é, saber ler, escrever e fazer uso destes é uma questão indispensável e, para o país, trata-se de uma questão de soberania. Embora se defenda o direito de todos ao acesso ao conhecimento, no Brasil ainda há uma injustiça a ser superada.

A alfabetização vem sendo frequentemente debatida por aqueles que se preocupam com a educação, como por exemplo, as questões legais como as possibilidades e desafios acerca dessa fase de aprendizagem. Nos últimos anos, nota-se

que as mesmas dificuldades de aprendizagem, além dos altos índices de reprovações, têm sido experienciada a severa realidade, onde parte das crianças têm passado pela escolarização sem que sejam de fato alfabetizadas (INEP, 2018).

De acordo com Barbosa (2012, p. 178):

A alfabetização compõe a primeira fase do Ensino Fundamental, e deve ocorrer entre o primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. A educação no Brasil, passou por muitas mudanças, entretanto, não aconteceram somente em níveis de ensino, no que tange à alfabetização, ocorreram ainda, na forma como se passou a enxergar essa etapa de ensino, que se tornou objeto de estudo ativo por parte de educadores e teóricos do campo.

Além disso, o Ensino Fundamental que antes compunha-se de oito anos, passou a compor-se de nove anos, integrando a fase da alfabetização, que antes era pertencente à Educação Infantil.

Essa mudança ocorreu em um cenário de políticas educacionais de aditamento do ensino obrigatório e da democratização da instituição de ensino. Integrando a alfabetização ao Ensino Fundamental, essa passou a ser compulsória a partir do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Alfabetizar é um processo em que o cidadão se torna capaz de decodificar uma mensagem escrita, e ainda de codificar algo falado tornando-os em uma escrita. Assim, para algumas crianças, a escrita como representação gráfica é um conceito já construído antes mesmo de começarem a frequentar a escola, devido sua interação ou contato com pessoas que leem e escrevem ou até mesmo o mundo da escrita.

De acordo com Ferreiro (1992, p.24):

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido.

De uma forma geral, na infância, os primeiros passos para o processo de alfabetização podem ser iniciados a partir do momento em que a criança já consegue dominar determinadas funções, processos mentais e motores. É comum perceber o desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil, onde as crianças são colocadas desde os três ou quatro anos de idade e que tem a função de estimulá-la por meio de atividades lúdicas, música e dança.

Oliveira (2007), em outras palavras, sustenta que a criança, ainda pequena, começa a se educar dentro do seio familiar, e que a escola acaba assumindo um papel de mero substituto dessa fonte educadora. Pode-se inferir a partir da análise feita pela autora que algumas crianças chegam à escola com a compreensão do princípio alfabético, outras pensam que o número de letras de uma palavra é igual ao número de sílabas, enquanto outras sequer entenderam que as letras escritas têm relação com os sons das palavras. Deve-se lembrar sempre que as crianças não chegam à escola com o nível de compreensão do que seja ler e escrever.

Portanto, a alfabetização começa muito antes de a criança entrar na escola, quanto mais ela é exposta a situações de uso da leitura, mais e melhor se alfabetizará. O alfabetizando infantil não deve receber da escola apenas orientações de como dar continuidade a aprendizagem da língua escrita, mas deve haver a contribuição do educador infantil para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens utilizadas na sociedade, aprendendo a usar as diversas formas de comunicação como: a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem televisiva a linguagem cinematográfica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral, e por que não, a linguagem da informática sob pena de fracassar no seu processo de alfabetização plena.

O alfabetizando precisa receber as informações de forma contextualizada para facilitar o seu aprendizado, ou seja, ele tende a se interessar por aquilo que lhe é palpável.

2. METODOLOGIA

O presente estudo utilizou da pesquisa qualitativa, que visa compreender de forma minuciosa o que está sendo estudado e insere o pesquisador próximo do seu objeto de estudo. (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Assim, para essa abordagem metodológica, a entrevista tem se mostrado eficiente para levantamento de informações, decorrente da possibilidade de buscar conhecimentos alusivos a fatos de vida dos entrevistados (SZYMANSKI, 2002).

A entrevista foi realizada com três professoras, sendo duas da rede pública municipal e uma da rede particular de ensino. A entrevista foi realizada por meio de uma pesquisa de campo, pessoalmente, e gravada com o celular.

Para a análise das informações coletadas nas entrevistas, foi realizada uma transcrição, isto é, a versão escrita do texto falado (SZYMANSKI, 2002).

No entanto, sabe-se que a linguagem oral se difere da linguagem escrita, assim, na tradução de um código para o outro pode haver algumas alterações. Buscou-se, portanto, manter a veracidade do texto, mesmo com a retirada de alguns vícios de linguagem e expressões de difícil compreensão, para facilitar o entendimento do leitor.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A entrevista foi realizada com três educadoras, sendo duas de instituição de ensino público e regular de periferia e uma da instituição de ensino particular. Para preservar a identidade das mesmas, aqui serão tratadas por: M1, R2 e L3.

A entrevista teve início com a apresentação das participantes, idade e tempo de atuação na alfabetização:

M1: “tenho 57 (cinquenta e sete) anos, sou concursada efetiva da prefeitura, atuei dez anos em creche com crianças de idades entre um e três anos, e dez anos na mesma escola, só que na alfabetização, e é onde me mantenho até hoje.”

R2: “tenho 28 (vinte e oito) anos, sou graduada em pedagogia pela Universidade Paulista, estou no mercado de trabalho desde 2019, e atualmente atuo na educação infantil com crianças com idades entre quatro e cinco anos. ”

L3: “tenho 41 (quarenta e um) anos e atuo há seis anos na alfabetização. Concluí minha faculdade em 2014, e no segundo semestre do mesmo ano fiz um processo seletivo do município, onde trabalhei entre os anos de 2015-2016 na creche. Em 2017 fui chamada para um concurso, comecei a atuar na alfabetização e estou até hoje”.

Denomina-se de alfabetização a habilidade de ler e escrever de forma adequada, sendo compreendido como um processo de aprendizagem, trabalhado durante os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para Ferreiro (1999, p.47), “(...) alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

O propósito da alfabetização é ensinar a ler e escrever e o letramento diz respeito a aquisição da habilidade de fazer uso da leitura e da escrita nos espaços sociais. Os

processos de alfabetização e letramento são interdependentes e, quando bem articulados, levam a uma aprendizagem mais significativa.

Ao serem questionadas sobre a motivação da escolha em trabalhar na alfabetização:

M1: “Eu escolhi a alfabetização por ver o resultado durante o ano, onde é possível acompanhar de perto a evolução e ver a satisfação dos pais com a evolução dos alunos. No dia a dia a gente vai aprendendo como trabalhar com os alunos, que já vem conhecimento de casa, alguns não leem nada e outros leem bastante, primeira coisa é conhecer o aluno para dar o ensino adequado.”

R2: “Muitas vezes me perguntam por que decidi ser professora. Eu escolhi, porque ser professora é poder desfrutar do prazer sem igual, de ver o desenvolvimento de um ser e saber que fez parte desse projeto, essa é a maior recompensa”.

L3: “Eu escolhi a alfabetização por já conhecer o bairro periférico, eu até tive outras opções, mas preferi trabalhar ali, nessa escola. Ou melhor, a escola me escolheu.”

Ciente de seu papel no processo de alfabetização, o docente pode desempenhar um trabalho de prática pedagógica com foco no desenvolvimento e construção da linguagem. Ao deixar de lado uma metodologia imposta por uma cartilha e partindo da leitura de mundo das crianças, o docente começa a medir e participar no processo de conceituação da língua escrita.

Ensinar as crianças a ler, escrever e a se expressar de forma conveniente é o grande desafio dos educadores, considerando que o atual contexto social integrou novas demandas e necessidades, tornando obsoleto os métodos e conteúdos habituais que dificultam o processo de aprendizagem da linguagem.

A segunda questão abordada na entrevista foi sobre os desafios encontrados para alfabetizar as crianças, M1 e L3 que trabalham em instituições de ensino públicas e periféricas mencionaram este como um fator desafiador no ensino e aprendizagem, enquanto R2 explicou que a pandemia foi um fator que desencadeou desafios:

M1: “São muitos os desafios, principalmente a problemática de os pais entenderem e valorizarem a vida escolar do aluno, nota-se que eles não consideram importante. Além disso, há muitas faltas dos alunos, por exemplo, se chove eles não têm guarda-chuva, se está frio eles não têm roupas de frio, e preferem não ir. São dificuldades das famílias periféricas e carente que gera impactos sobre o ensino e aprendizagem dos alunos, há alunos com trinta faltas. Os materiais são outro desafio, os alunos não têm os materiais necessários, embora a prefeitura tenha dado alguns materiais, esses não duram todo o ano letivo [...] é necessário que as

famílias acompanhem os alunos nas tarefas de casa, o tempo na escola é curto e é preciso o acompanhamento familiar.”

R2: “O maior desafio foi no começo do ano, pois muitas crianças perderam conteúdo em decorrência da pandemia, elas passaram muito tempo em casa e substituíram muitas coisas e atividades pelas tecnologias e televisão. Percebi que os alunos chegavam cansados, não queria fazer atividades e os pais disseram que as crianças passavam muito tempo em telas de televisão e celulares. Assim, realizamos um projeto onde a escola e os pais trabalham juntos, e todas as vezes que as crianças pediam celular ou televisão, os pais pediam para pintarem um desenho e realizavam atividades lúdicas junto com os alunos. Depois do projeto, notei que muitas crianças melhoraram o seu desempenho e o seu desenvolvimento, devemos sempre manter o objetivo e com calma resolver o problema, pois ao trabalhar em equipe, o resultado é maravilhoso.”

L3: “São muitos os desafios, por se tratar de uma escola em periferia, há diversas carências, as crianças precisam de afeto, não tem os materiais necessários, essas crianças são carentes de alimento, vão para a escola sem almoço, e isso é muito frequente [...] a gente precisa dar suporte para as crianças, a educação que falta em casa, vivem em um ambiente conflituoso onde não há regras.”

A criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo. Quando a escrita faz parte de seu universo cultural também constrói conhecimento sobre a escrita e a leitura. Ler é conhecer. Quando mais tarde ela aprender a ler a palavra, já enriquecida por tantas leituras anteriores, apropria-se de mais um instrumento de conhecimentos do mundo.

Quando as crianças provêm de comunidades pouco letradas, em que têm poucas oportunidades de presenciar atos de leitura e escrita com pessoas mais experientes, é comum terem mais dificuldades no processo de alfabetização e as dificuldades surgem quando o aluno não consegue avançar apenas com a intervenção do professor e com os conhecimentos prévios que possui.

Muitas vezes, é necessário realizar uma análise sobre a realidade interna e externa que envolve a criança. Os aspectos cognitivos, afetivos e sociais são de grande relevância para detectar as causas das dificuldades. Existem situações, no entanto, mais severas em que somente o olhar e a escuta de outro profissional não é suficiente. Nestes casos, o mais conveniente é encaminhar a criança para o profissional competente e especializado para realizar avaliação diagnóstica e providenciar o tratamento em tempo hábil.

Segundo Térán (2009), a aprendizagem depende de cada pessoa, é algo interno, mas acaba se constituindo a partir da interação entre os sujeitos, e ocorre ao longo da

vida. No cérebro das pessoas ocorrem períodos que são fundamentais para desenvolver alguns estímulos, períodos estes sensíveis a estimulação ambiental, necessário para que ocorram mudanças.

Esses períodos são chamados de janela de oportunidades onde a criança com três anos de idade assume o seu controle emocional, por volta de quatro anos começa a desenvolver o raciocínio lógico e matemático, aos seis anos desenvolve o vocabulário e as habilidades motoras, e finalmente com dez anos aprimora a linguagem e desperta o interesse pela música. (GÓMEZ E TERÁN, 2009).

As professoras foram ainda questionadas sobre a metodologia utilizada na alfabetização de seus alunos:

M1: “Há roda de conversa, muito à vontade, conversam livremente, pós pandemia dificultou mais porque as crianças não tiveram educação infantil, a sala é composta por vinte e três alunos e eles gostam de aprender, tem interesse, gostam do lúdico. Até pouco tempo só se falava em letramento, construtivismo, e a gente vê que funciona bem com salas pequenas e famílias que tem o círculo de livros e leitura, no caso, eu uso os dois e ainda a alfabetização fônica. Muitos tem problemas de fone, com a BNCC, agora voltamos a divisão e contagem silábica. Para uns é necessário, na minha classe a maioria é bem desenvolvida e os pais reconhecem o avanço. Na sala de vinte e três, eu tenho sete alunos com problemas e o restante a gente vê que realmente os pais estão engajados em ajudar os filhos.”

R2: “Na alfabetização há diversos métodos, global, fônico entre outros. Na educação infantil, se usa muito o fonético onde é possível trabalhar os sons que a criança emite para ter consciência dos sons, e do movimento que a boca faz, para depois conseguir escrever, esse método tem sido muito utilizado na educação infantil, pois foi onde encontramos um excelente resultado na alfabetização. Com esse método, as crianças acabam conhecendo as indiciais de cada palavra, e assim, conseguindo desenvolver a escrita. Com o método fonético, as crianças tiveram ótimo resultado, começamos com as letras mais simples, vogais, e as mais complexas como consoantes. Na educação infantil usei o método todos os dias para as crianças compreenderem os sons, então, a cada manhã eu utilizava um som diferente e cada criança colocava a sua opinião referente a letra que começava. No início foi difícil, mas depois pegaram jeito e pude perceber que conforme o tempo passava, todas as crianças estavam já compreendendo as letras, e sinalizando as letrinhas no alfabeto. Através desse método as crianças hoje já conseguem identificar as vogais e as consoantes e assim realizar a escrita”.

L3: “Eu utilizo o método fônico que propicia uma maior facilidade na aprendizagem. Os alunos constroem a leitura, primeiro vem a escrita [...] até hoje, só uma criança não sabia escrever, mas sabia ler, mas, no geral elas escrevem primeiro e leem depois. Começamos com pequenas palavras, frases, até os textos menores e os mais complexos”.

O método fônico tem como princípio ensinar as relações entre sons e letras, para que seja relacionada a palavra falada com a escrita. Assim, a unidade mínima de análise é o som.

De acordo com Braslavsky (1988), o método fônico tem início com o ensino da forma e o som das vogais. Posterior, são ensinadas as consoantes, estabelecendo entre consoantes e vogais relações cada vez mais complexas. Cada letra é aprendida como um som e junto de outro som, forma sílabas e palavras. Para o ensino e aprendizagem dos sons, há uma sequência que deve ser seguida, indo-se de relações diretas entre fonemas e grafemas para relações mais complexas.

Cabe à escola oportunizar esses momentos de troca de opiniões, de ideias, do conhecimento que eles trazem de casa, visando uma interação todos os dias ao manusearem os textos escritos ou produzirem textos orais. É na escola que se amplia o vocabulário, pois a troca de informações é constante na relação professor- aluno.

Assim, as participantes foram questionadas sobre a estrutura escolar, já que essa é de suma importância para a satisfação da alfabetização:

M1: "A sala tem recursos, tem livros, jogos, jogos de matemática e português, recurso digital. Há um projeto da prefeitura fotolegenda de animais do jardim que desperta a curiosidade e incentiva a escrita de pequenos textos onde alunos tem que pensar para elaborar uma frase. No primeiro ano é mais difícil, nos outros anos usamos filmes, onde os alunos assistem o filme e fazem a sinopse, não são todos os alunos que concluem essa atividade, mas a grande maioria consegue. Além disso, contamos com tangran, jogos de computador, dominós, dados, tampinhas e materiais manipuláveis.

Tanto os jogos como as brincadeiras são resultados de processos históricos e culturais, principalmente, as brincadeiras que na maioria das vezes são transmitidas através da história oral, ou seja, passada de geração em geração.

O ato de brincar é capaz de fazer com que a criança possa se identificar no meio social em que está inserida e assim o observa espiritualmente e corporalmente. Sendo que dessa maneira distinguir o que tem significados positivos ou negativos para sua vida.

Os jogos permitem com que uma criança se desenvolva adequadamente e preencha suas necessidades simbólicas, fazendo de todas essas ações fatores que os levam para seu próprio crescimento e conhecimento.

O brincar com jogos ainda proporciona bons relacionamentos em grupos. Brincar é um meio que favorece e propicia muito as formas de uma criança se comunicar.

R2: "Em sala de aula tento trabalhar a leitura, músicas e rimas, pois ajudam os pequenos a desenvolverem a linguagem, e são preparados para a alfabetização. Na educação Infantil, os alunos não sabem ler, mas conseguem escrever. Tento trabalhar o lúdico para desenvolver a escrita e utilizo muito a música onde o aluno aprende a escrever brincando. Na educação Infantil a leitura é um dos principais meios para desenvolver habilidades para o processo de alfabetização, como a memória, a imaginação e a atenção, onde as crianças são estimuladas a desenvolver habilidades com atividades que envolvam leitura e linguagem, então a alfabetização é muito importante nesse processo."

Tendo a comunicação, a estimulação, a socialização bem como os acontecimentos diários tão importantes para o processo ensino aprendizagem, reforça-se aqui o papel da música como parceiro deste processo.

Para Martins (2012, p.89), "(...) a música funciona como objeto intermediário que possui atributos sensíveis que costumam caracterizar as relações entre seres humanos". A música tanto dentro como fora da sala de aula tem esse poder sedutor, que favorece as relações interpessoais despertando a sensibilidade, os sentimentos e conseqüentemente a aprendizagem que acontece através das trocas de experiências cotidianas.

Stabile (1988, p.122), discorre:

A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade... Na faixa pré-escolar, um dos objetivos é fazer com que a criança desenvolva sua noção e sua expressão de ritmo. A música faz disso uma brincadeira gostosa e atraente.

Stabile (1988) destaca que a música e a dramatização permitem a expressão pelo gesto e pelo canto, o que traz satisfação e alegria. A autora afirma a importância para a criança em observar o outro para depois executar. Quando o professor não tem o dom de cantar pode-se fazer uso de CDs que hoje é tão comum nos acervos da maioria das escolas. As crianças gostam e acompanham o ritmo da música e rapidamente a associam ao conteúdo em estudo.

L3:"O trabalho em sala de aula é realizado por meio de jogos, há armários separados e espaços onde dá para trabalhar a alfabetização dos alunos. Além disso, trabalhamos com a sala de informática, realizamos atividades pedagógicas no computador. A escola disponibiliza uma biblioteca e os alunos podem ir até lá livremente para pegar livros. É trabalhado semanalmente a leitura, com o momento da leitura onde os alunos também leem e interagem. Além disso, a gestão da escola é atuante, conhece suas crianças e trabalha junto".

A formação tem como papel de atualizar e expandir o campo de trabalho, a área de competência, de modo a compreender as necessidades do sistema de ensino, potencializando o desempenho e trabalho dos educadores alfabetizadores, e por conseguinte, corrobora para o aprendizado dos alunos e para todo o âmbito escolar.

M1: “Ao entrar na alfabetização, a prefeitura disponibilizou cursos para o alfabetizador, para atuação na primeira série (onde está há dez anos), considera que foram esses cursos oferecidos que abriram o leque para a alfabetização, e na faculdade há teoria, e no curso a prática.”

O educador alfabetizador pode descobrir que o conhecimento da leitura e da escrita é acessível a muitos, mas que é importante saber como interpretar os procedimentos da alfabetização desenvolvidos para a sala de aula. Deve-se compreender que as atividades de interpretação e de produção de escrita começam antes da escolarização, ela se insere em um sistema de conceitos pré-elaborados (VIGOTSKY, 2021).

O conhecimento do aluno é construído por sua experiência em produzir seus textos, usando sua elaboração própria, reconstruindo com seu esforço pessoal: o professor deve ser o mediador desta construção. Às vezes, essa construção se parece estranha aos olhos do professor alfabetizador, mas este deve compreender o que a criança pensou ao escrever aquela escrita (VIGOTSKY, 2021).

Sobre o que os professores precisam saber para atuar junto às crianças:

M1: “Olha, a primeira coisa que precisam saber é respeitar o aluno que está chegando, e entender a verdadeira situação dele: pode haver comprometimento em decorrência do parto, família com padrasto, violência, abuso, o olhar do professor é fundamental, há alunos com problemas de autoestima, tem que estimular o aluno, o aluno muda o comportamento com o incentivo, psicológico, o professor influencia o aluno para que ele seja bem-sucedido”.

Para Freire (1989, p.163):

Através da interação com o mundo, aprendemos a ler o que nos cerca, construindo sentido em tudo. A vida, de certa forma, pode ser vista como um grande texto cheio de símbolos que precisam ser interpretados. E, como qualquer outro texto, tem que ser lido e decifrado. Para isso, usamos todos os sentidos disponíveis, cuja função não é apenas fornecer informações para o nosso cérebro, mas também relacionar essas informações com experiências anteriores. Esse processo de dar sentido ao mundo ao nosso redor é essencial para nossa sobrevivência e evolução como indivíduos e como espécie. Ela nos permite encontrar significado em tudo, desde os objetos mais simples do cotidiano até os

conceitos filosóficos mais profundos. E é através desta interação significativa com o mundo que aprendemos a ler a vida.

Imersos numa cultura letrada, temos contato desde cedo com o mundo da escrita. Por exemplo, dependendo das experiências socioculturais da criança, essa ainda não alfabetizada, é capaz de reconhecer uma marca apenas olhando para o seu logotipo, principalmente aqueles mais presentes no seu cotidiano.

Na perspectiva de Colomer (2007, p.147):

[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte dando as crianças a oportunidade de atravessá-la.

Contudo, grande parte da população brasileira ainda tem seu primeiro contato com a leitura na escola, sendo essa, então, a principal agência de letramento responsável por promover o ensino da leitura e da escrita (BORTONI-RICARDO,2010).

Nesse sentido, a escola recebe sujeitos com diferentes vivências letradas, ou seja, com diferentes conhecimentos de mundo. Diante disso, cabe à escola propor práticas de leitura na escola em consonância com as práticas desenvolvidas na vida social, de modo a torná-las mais significativas. (MARTINS, 2010).

Foi abordado ainda na entrevista, a preocupação com mediação em atividades de leitura, e o que a educadora entende ser necessário para desempenhar uma boa mediação, assim:

R2: “A mediação começa quando o professor escolhe a obra e se prepara para ler. Nesse momento, os cuidados para a escolha do livro são essenciais em seu estudo para o melhor conhecimento possível de todas as suas facetas. Assim, no momento da mediação, o mediador poderá atuar com propriedade sobre a obra e conectar-se ao público. O ideal, é que se leia com o outro, e não para o outro. Isto é, a boa mediação é a que encanta e envolve o público como participante ativo da leitura sem que haja imposição da forma ou interpretação da leitura pelo mediador. É muito importante considerar todo o projeto do objeto livro, seu projeto gráfico, texto e escrita, as ilustrações, as relações entre textos e imagem. Além disso, é essencial refletir sobre os efeitos que podem ser gerados no leitor e refletir sobre qual o conceito a criança que possivelmente, o autor do livro tenha. Para formar o mediador, precisar querer ensinar o conteúdo com tal paixão e decisão, que fará tudo o que estiver a seu alcance para explicar da melhor forma possível, seja adaptando a linguagem, ou usando as tecnologias disponíveis na escola para que o conceito se torne claro”.

O papel do educador como mediador é de suma relevância em todo o processo de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior, pois de acordo com Kleiman (1997, p.27): “(...) o docente é mediador entre o aluno e os autores dos livros”. Assim, entende-se que é ele que orienta, que mostra como fazer, quais os trajetos certos a seguir para se obter o resultado esperado, ele também dá o exemplo a se espelhar e é aquele que muitas crianças desejam ser quando crescer pelo amor que ele empenha na sua profissão.

Quando o professor está em sua docência, proporciona situação em que o aluno tenha autonomia ao aprender, porém não pode realizar suas atividades e descobertas sozinho mesmo que domine o sistema de escrita alfabético, faz-se necessário alguém com mais experiência que mostre os seus erros e acertos e ajude na construção do conhecimento, é o que afirma Santos e Albuquerque (2007) em seus estudos, onde dizem que:

Quando a criança ainda não sabe ler o professor torna-se mediador, mostra como se lê e lê para sua turma, também constrói pequenos textos junto com ela. Por isso é importante que desde o início do processo o aluno comece a criar suas hipóteses sobre a leitura e a escrita, ao aprender cada letra, sílaba, palavra, frase até chegar aos textos, já vá lendo e escrevendo, exercitando assim a sua prática neste aprendizado.

É importante lembrar que o trabalho com a leitura não pode ser realizado de forma mecânica, onde o aluno não seja sujeito ativo e ainda se desinteresse, não participando da realização das aulas. (CANGUÇU, 2013)

O professor deve ser formado para função que deseja atuar, se quer atuar na alfabetização e letramento de seus alunos, o curso a seguir é de língua portuguesa para se aprofundar melhor no assunto, como afirma Kleiman (1997, p.17): “(...) é necessária uma formação teórica do professor na área de leitura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização tem decorrido em diversas discussões em variados segmentos ligados à educação. Sendo assim, buscou-se neste breve estudo refletir sobre a alfabetização e as dificuldades e possibilidades da aprendizagem da leitura. Em se tratando de educação, sabe-se que nada adianta o estudo teórico sem a prática. É o conhecimento sobre os processos de aprendizagem que renova o nosso olhar e nos faz

enxergar novas possibilidades de ensinar, ampliando conhecimentos e contribuindo para que os outros façam o mesmo.

Os estudos sobre alfabetização com letramento têm defendido que a prática leva o aluno a usar o código alfabético de modo a entender o campo e valor que a cultura escrita tem na sociedade, oferecendo-lhe autonomia para se posicionar no contexto social. Ler, escrever e compreender o que se escreve e lê, é sem sombra de dúvida, fundamental. Esta é uma tarefa essencialmente importante.

As dificuldades na alfabetização devem ser percebidas inicialmente pelas observações dos educadores e familiares, para que juntos possam realizar as intervenções adequadas segundo as necessidades de cada um. A escola deve incentivar e colaborar com a família e o aluno buscando ajuda e maiores conhecimentos para enfrentar as dificuldades de aprendizagem.

O estudo com os dados levantados na entrevista propiciou apresentar as respostas acerca das dificuldades em alfabetizar os alunos, haja visto o contexto periférico da instituição de ensino regular.

Retomando o problema de pesquisa definido a partir da questão: Quais são os principais desafios para a alfabetização dos estudantes e como superá-los?, cabe destacar alguns pontos significativos. Neste sentido, os principais desafios no processo de alfabetização se expressam pela dificuldade de relacionar os conhecimentos prévios dos estudantes com a metodologia adotada no interior das escolas, pela falta de recursos pedagógicos, devido a condição socioeconômica da região das escolas e entre outros fatores.

Por esta razão, é preciso promover a interação e o envolvimento do estudante nas propostas pedagógicas, buscar elementos da vida cotidiana de cada estudante para nortear o trabalho pedagógico, integrar a relação entre família e escola para promover a aprendizagem do estudante e identificar suas dificuldades precocemente para intervir de forma assertiva em seu aprendizado e entre outras medidas.

O que se buscou com este estudo é corroborar para o desenvolvimento de práticas voltadas para o processo formativo dos educadores alfabetizadores, que possibilitem, acima de tudo, uma reflexão acerca das práticas desempenhadas na sala de aula. É preciso assegurar ao aluno o direito de ser alfabetizado, de modo a integrar este aluno em seu meio social, e em outros meios sociais, da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **A Infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Ed. Penso: Porto Alegre, 2012.

BRASLAVSKY, Berta. **O método: panaceia, negação ou pedagogia? Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, ago. 1988.

CANGUÇU, Talwane Vieira. **O papel do professor como mediador de leitura para o letramento**. 2013. 51p. Brasília/DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação), 2013.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INEP. Relatório SAEB/ANA 2016: **panorama do Brasil e dos estados**. Brasília: Inep, 2018b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

KLEIMAN, Ângela Bustos. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2008 10ª reimpressão

MARTINS, Lígia Márcia e ARCE, Alessandra. **Quem tem medo de ensinar na Educação?** 2ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2012.

MEC – **Ministério da Educação**. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio; Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em 11 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. T. **Unidades de leitura: trilogia pedagógica**. 2. Ed. campinas: Autores associados, 2008.

STABILE, Rosa Maria. **A Expressão Artística na Escola**. São Paulo: FTD, 1988.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.